



CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE - UNIFIA
Rod. "João Beira" - SP 95 - KM 46,5 - Bairro Modelo - Caixa Postal 118 - CEP: 13905-529 Amparo - SP
(19) 3907-9870 - e-mail: unifia@unifia.edu.br - site: www.unifia.edu.br

unisepe[®]
EDUCACIONAL

CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE - UNIFIA

LUCAS GIOVANE NARDIN – RA: 4621766

**CONSTITUIÇÃO DO FATALISMO EM ADOLESCENTES:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Amparo
2022



CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE - UNIFIA
Rod. "João Beira" - SP 95 - KM 46,5 - Bairro Modelo - Caixa Postal 118 - CEP: 13905-529 Amparo - SP
(19) 3907-9870 - e-mail: unifia@unifia.edu.br - site: www.unifia.edu.br

unisepe[®]
EDUCACIONAL

CONSTITUIÇÃO DO FATALISMO EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

LUCAS GIOVANE NARDIN – RA: 4621766

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Psicologia do Centro Universitário Amparense – UNIFIA, sob a orientação do Prof. Rafael Moreton Alves da Rocha e do Prof. Dr. Lucian Borges de Oliveira, como exigência total para a conclusão do referido curso.

Amparo

2022



CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE - UNIFIA
Rod. "João Beira" - SP 95 - KM 46,5 - Bairro Modelo - Caixa Postal 118 - CEP: 13905-529 Amparo - SP
(19) 3907-9870 - e-mail: unifia@unifia.edu.br - site: www.unifia.edu.br

unisepe[®]
EDUCACIONAL

Sumário

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
OBJETIVOS	6
METODOLOGIA	7
RESULTADOS	8
DISCUSSÃO	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS	16



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A sociedade atual é regida pelo capitalismo, que norteia todas as instituições sociais que os sujeitos percorrem durante toda a vida, começando pela família, e seguindo pela escola, igreja, trabalho e o Estado. Mais do que um determinante econômico, o Capitalismo define direta e indiretamente todas as formas de se relacionar, de ser e de experimentar (Marx, 2013).

Para compreender o Capitalismo, em primeiro momento se faz necessário entender a falsa concepção de indivíduo para esse sistema, no qual este é visto como ser livre, autodeterminante, dono de suas vontades e decisões e responsável. Sendo assim, o sujeito é colocado como ser totalmente independente da sociedade, possuidor de total autonomia e capacidade para experimentar o que preferir e estar no lugar que pretender (Marx, 2013).

O Capitalismo pode ser percebido como um sistema econômico que visa o impulsionamento do lucro e o acúmulo de bens e riquezas, onde a maior parcela da sociedade é levada a ser produtiva, buscando sempre por maior propriedade e riqueza (Oliveira et al., 2018; Marx & Engels, 2008).

Sendo assim, este modelo divide a sociedade em classes sociais, que são grupos formados com base na posse ou não de bens e valores. De forma resumida, o proletariado é a classe social que trabalha para os detentores de riqueza, em troca de capital/dinheiro para sobreviver; e os capitalistas que são possuidores de riquezas e bens, e que de certa forma manipulam a sociedade como um todo (Oliveira et al., 2018).

Junto com o capitalismo surge a fixação de “valores de troca” para os objetos do mundo, ou seja, uma desejabilidade por parte da prole por coisas e posições sociais que o próprio sistema criou, e para tentar obtê-las, o sujeito vende sua força de trabalho em troca de capital. Porém isso começa a trazer alguns reflexos negativos para a sociedade, na qual os indivíduos passam a ser vistos como objetos, com um único propósito, trabalhar para colaborar com a produção de riquezas, e tentar satisfazer seus desejos (Oliveira et al., 2018)

Com o surgimento dessa desejabilidade pela classe de proletários, começa-se a entender que o indivíduo não se encontra totalmente livre perante a sociedade, e tampouco é totalmente responsável pelo que deseja e pelo que é. Além disso, variáveis como cultura,



educação, status e até mesmo saúde, estão estritamente ligados à condição material do homem, e essas condições impulsionam ainda mais o desejo de contínuas transformações (Euzébios Filho & Guzzo, 2009).

Nesse contexto, surgem na sociedade as lutas de classes, fenômeno que se opõe à ideia de valores de troca, e instiga a classe trabalhadora a lutar por condições melhores de vida, visando o fim da mais valia que explica a relação de trabalho entre a classe burguesa e proletária, onde o valor do trabalho não é proporcional ao lucro (Marx, 2013).

Ainda, a luta de classe pode ser compreendida como um alto favorecedor da desalienação social, visto que com a ideia de compra e venda de força de trabalho, a maioria da sociedade se torna vítima de condições desfavoráveis e que não proporcionam melhores perspectivas de vida e de ascensão, podendo dar lugar à condição do fatalismo social (Marx, 2013).

O Fatalismo, para Martín-Baró (1998) é uma característica comportamental, na qual os sujeitos se estabelecem sem nenhum tipo de relação com as estruturas sociais, econômicas e políticas. Em outras palavras, se portam de forma a não se relacionarem com as situações e experiências que a sociedade pode oferecer nos diversos âmbitos (Oliveira & Schlösser, 2020)

Os sujeitos que se encontram na situação do Fatalismo se portam de forma conformista, subentendendo à uma ideia de destino fatal, sem perspectivas diferentes, de modo a se posicionarem de forma neutra frente às relações com a sociedade. Porém, essa posição não se dá puramente pela vontade do indivíduo, mas sim pelo resultado dos eventos da sociedade, que contribuem para com a marginalização e seletividade de grupos (Costa & Mendes, 2020)

Para Martín-Baró (2017a) o Fatalismo é constituído por três dimensões, sendo elas: a impossibilidade de mudança, a internalização da dominação social e o seu caráter ideológico, o que nos faz olhar de forma mais abrangente para o indivíduo, deixando de lado o tabu social de entendimento do indivíduo como mero fatal.

A impossibilidade de mudança pode ser compreendida como uma concepção de determinados grupos sociais, sobre a sua situação de suas vidas. Nesta dimensão permeia o pensamento de que por mais que se tenha anseios e desejos, o destino está fadado a ser o mesmo: triste e cruel (Oliveira 2020).

Quanto à internalização da dominação social, se afirma que este é um conceito que permeia e define a vida da maioria dos sujeitos da sociedade capitalista. Isto se deve



ao fato de que poucos burgueses, possuidores de bens e riquezas e que impõem direta e indiretamente “comandos” para que a classe do proletariado seja sempre mais produtiva, instigando uma falsa ideia de avanço social, mas obtendo o mínimo para sobreviver, a troca de muito trabalho (Oliveira 2020).

Com isso, cria-se um consenso sobre a situação que se vive, cumulando expectativas, mas ao mesmo tempo não sabendo qual será o destino de suas vidas. Assim, há uma aceitação interna sob a posição de cada um, passando a usar o fatalismo como artifício para dar sentido à vida (Oliveira 2020).

Sob esta ótica, Martín-Baró (2017) (citado por Oliveira, 2020) diz que “o caráter ideológico do Fatalismo faz com que se atribua a postura de conformismo e submissão, induz um comportamento dócil diante daqueles que têm poder o que facilita a dominação, pois não é preciso o uso recorrente da repressão violenta”.

Nesse sentido, a psicologia comunitária é a responsável por traçar estratégias de atuação para proporcionar novas formas de subjetividade, além possibilitar a ressignificação da condição social dos indivíduos. Ainda nesse contexto, para deixarmos de lado a concepção fatalista, é necessário ensinar/mostrar novas formas de possibilidade de auto interpretação e autoanálise aos sujeitos, estimulando o senso crítico e o pensar reflexivo (Paiva & Yamamoto, 2010).

Ademais, Didier Deleule (1973) (citado por Martín-Baró, 1996) diz “A psicologia oferecia uma solução alternativa para os conflitos sociais: tratava-se de mudar o indivíduo preservando a ordem social ou, no melhor dos casos, gerando a ilusão de que talvez, ao mudar o indivíduo, também mudaria a ordem social, como se a sociedade fosse uma somatória de indivíduos”

Por fim, a atuação do psicólogo em contextos comunitários é permeada por ações que possibilitem a consciência social dos indivíduos, visando o olhar mais íntimo para si e para o grupo em que convive, despertando a ideia de sujeitos mutáveis e sem destino pré-determinado, instigando novas formas de subjetividade (Martín-Baró, 1996).

OBJETIVOS

- Realizar revisão bibliográfica referente a temática da constituição do fatalismo em adolescentes.
- Elencar quantos trabalhos acerca da temática foram produzidos.
- Analisar o conteúdo dos trabalhos verificando o sentido do emprego do termo



fatalismo.

METODOLOGIA

O método materialista histórico dialético (MHD) segundo compreende os indivíduos como seres que são totalmente constituídos e formados de acordo com as mediações que os atingem, sendo cada indivíduo único e portador de uma subjetividade singular. Para o MHD os humanos são produtos e produtores de sua história, sendo a história social, num sentido ontológico; e de suas histórias singulares, embora essa segunda esteja submetida à primeira (Oliveira, 2020).

Sendo assim, é preciso compreender a trama da história social, para poder compreender as singularidades, e isso se passa necessariamente pelo entendimento do modo de produção capitalista e a centralidade na luta de classes (modo como cada classe social se situa no processo de produção e reprodução da vida) (Oliveira, 2020). Portanto, este trabalho se situa na visão crítica, de orientação marxista, compreendendo os fenômenos na sua natureza social de forma histórica e dialética. Dessa forma, o objeto deste estudo, será trabalhado, visando a investigação das mediações que constituem o fenômeno do fatalismo em jovens de comunidades populares (Costa & Mendes, 2020).

Optou-se pela utilização da pesquisa de cunho qualitativo, visto que permite analisar, descrever e investigar aspectos e experiências subjetivas e individuais, além de proporcionar a compreensão dos fenômenos à fundo, de forma mais abrangente, já que se consegue investigar várias dimensões do indivíduo, dentre elas a social, a econômica e a cultural (Fregoneze et al., 2014).

Essa modalidade de pesquisa, diferentemente da quantitativa, possui uma característica ímpar e livre na coleta de dados, onde o pesquisador é imerso no cotidiano do objeto pesquisado, ocasionando um contato muito mais próximo e direto. Além disso, na pesquisa qualitativa é de praxe que o pesquisador se integre ao objeto, podendo assim, com a coleta de dados, fazer interpretações e reconhecer as pessoas e grupos como produtores de conhecimentos, práticas e costumes (Fregoneze et al., 2014).

Para a realização desta revisão bibliográfica foram utilizadas as seguintes bases de dados: Google Acadêmico, BVSPsi e Scielo – Scientific Electronic Library Online, onde foram pesquisadas publicações com os descritores “"fatalismo" AND "constituição" AND (jovens OR adolescentes)”. Como critérios de inclusão se aplicou: artigos científicos, publicados entre 2010 e 2022, escritos em Português e até a décima segunda



página da pesquisa. Os estudos selecionados deveriam incluir de alguma forma os conceitos de embasamento empregados. A pesquisa bibliográfica foi realizada em maio de 2022.

A pesquisa e seleção dos artigos foi realizada pelo autor, que selecionou os artigos pertinentes à pesquisa através da leitura do título, posteriormente do resumo e finalmente dos artigos completos que resultaram após rigorosa análise. Os dados serão analisados através da metodologia Construtiva-Interpretativa, já que esta permite, através de um processo dinâmico, produzir conjuntamente (pesquisador e participantes) ressignificações de conhecimentos, trazendo novos significados às situações. Esse método permite ao pesquisador interpretações contínuas durante todo o processo, possibilitando inclusive, a construção e reconstrução do problema com base em suas experiências e observações no contexto cultural, social e epistemológico que se insere. Ainda nesse contexto, o método construtivo-interpretativo se evidencia na produção de informações pelos próprios participantes como resultados da interação com as indagações, apontamentos, reflexões e questionamentos do pesquisador, que objetivam o falar mais íntimo de si, que se torna objeto de principal valor a ser analisado (Rossato & Martínez, 2017).

RESULTADOS

A princípio foi encontrado um total de 120 artigos em todas as bases pesquisadas; após a seleção feita pela leitura dos resumos e com base nos critérios de inclusão, se resultou em 11 artigos que foram utilizados para este estudo. Assim, procedeu-se à análise detalhada de cada um destes artigos, visando identificar os trechos e os sentidos em que o termo “Fatalismo” foi utilizado. A Tabela 1 apresenta a análise individual dos artigos:

Texto 01

Título: As manifestações do fatalismo de jovens em condições de pobreza no Brasil.

Autores: (Cidade & Ximenes, 2012)

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 02 “O presente estudo se orienta para a discussão do fatalismo enquanto fenômeno psicossocial abordado, inicialmente, nas obras de Ignacio Martín-Baró (1984, 1995, 1998), como característico de um modo de compreensão da existência humana pelo povo latinoamericano, segundo a qual o destino humano já está predeterminado e todo fato ocorre de modo inevitável. De acordo com esta compreensão, o fatalismo engendra comportamentos, idéias e sentimentos de modo a permitir que os sujeitos reajam aos consequentes esforços frustrados em mudar o curso da vida. No imaginário dos indivíduos, são formulados

conjuntos de leis, justificativas e modelos explicativos com o interesse de dar conta de uma realidade, que parece impossível de ser transformada após inúmeros investimentos fracassados.”

Pág. 02 “Blanco y Díaz (2007) apresentam uma leitura das manifestações do fatalismo no mundo atual marcado pelo clima de incerteza, e indefinição diante dos acontecimentos, características estas comuns ao que Martín-Baró (1988, 2003) descreveu como sendo oriunda das situações de insegurança vividas em contextos de guerra psicológica. Trata-se do que se pode designar de fatalismo individualista, que é uma estratégia de adaptação às contingências aleatórias, às ameaças incontornáveis; e de fatalismo coletivista, caracterizado pela aceitação passiva de um destino inevitável emanado de uma força natural ou sobrenatural.”

Pág. 03 “Eles são moradores de territórios duplamente estigmatizados pela pobreza e violência (Bezerra, 2011) e encontram as mais variadas formas de demonstrar seus desgostos. Eles desenvolvem estratégias de sociabilidade e visibilidade, buscam alternativas para lidar com o sofrimento psíquico decorrente da vida em situação de insegurança. Estes caminhos alternados, dentre os quais é destacado o fatalismo, nem sempre são facilmente reconhecidas como estratégia de enfrentamento e mecanismo de denúncia às circunstâncias de opressão que vivenciam.”

Pág. 04 “Percebe-se que o fatalismo manifesto pelos jovens pobres possui raízes nas vivências desses sujeitos em condições de pobreza, que acentuam a incidência dos riscos inerentes à vida em privação, e a sua inserção em um ambiente social caracterizado pelo individualismo, pela violência, instabilidade financeira e perpetuação de ideais de consumo. Diante de uma realidade que parece ser imutável, a atribuição da responsabilidade dos fatos cotidianos a uma entidade divina, tal como denunciado por Martín-Baró (1998), denuncia o caráter de elemento apaziguador das tensões sociais e do sofrimento psíquico oriundo da insegurança de viver na pobreza presente na manifestação do fatalismo.”

Pág. 09 “O fatalismo individualista, assim, pode ser entendido como uma estratégia de adaptação prática a um modelo de sociedade marcado por ameaças, convertidas não poucas vezes em realidade; caracterizado por diversos riscos, pela incerteza e pelo progressivo isolamento do sujeito em decorrência da perda dos vínculos de solidariedade orgânica próprios da vida em comunidade (Blanco y Díaz, 2007). Já o fatalismo coletivista representa o esquema mental orientado por uma atitude submissa e acrítica, dirigida por um Deus superior. O contexto social é, então, compreendido “(...) em ciclos pré-determinados, modelos pré-fabricados de existência subumana, onde um presente de pobreza e adversidades sempre perdura como um fenômeno da natureza, que não se pode mudar” (Nepomuceno, 2003, p. 26-27)”

Pág. 13 “Diante da busca pela sobrevivência, ocorre que os sujeitos vão sendo direcionados para as dimensões mais individuais e particulares. Uma das características do fatalismo na atualidade não é, portanto, a ausência do desejo de obtenção de melhorias de vida, mas sim a centralização dos intuitos em uma esfera reduzida de bem-estar individual, colocando em segundo aspecto questões relativas ao bem-estar coletivo.”

Texto 02

Título: Educação de jovens e adultos: territórios de subjetivação

Autor: (Júnior, 2011)

Quantidade de Páginas: 10 páginas

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 06 “Freire afirma que [...] implica entendê-

la e vivê-la, sobretudo vivê-la, como tempo de possibilidade, o que significa a recusa a qualquer explicação determinista, fatalista da história. Nem o fatalismo que percebe o futuro como repetição quase inalterada do presente, nem o fatalismo que percebe o futuro como algo pré-dado. Mas o tempo histórico sendo feito por nós e refazendo-nos enquanto fazedores dele. Daí que a educação popular, praticando-se num **tempo-espaço** de possibilidade, por sujeitos conscientes ou virando conscientes disto, não possa prescindir do sonho (Freire, 2002, p. 17, grifo meu)”

Texto 03

Título: Capturas e Resistências nas Democracias Liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais

Autores: (Augusto et al., 2016)

Quantidade de Páginas: 18 páginas

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 11 “No Brasil, é possível verificar a incidência de certo senso comum fatalista, que opera como verdade no campo científico de maneira bastante próxima das análises apresentadas por Fukuyama (1992), sobre a inevitabilidade do neoliberalismo. Entretanto, esse fatalismo não age exclusivamente no campo econômico, mas, sobretudo, no campo político através da continuidade do discurso que reafirma o Estado. Tal discurso perpassa, inclusive, a institucionalização dos movimentos sociais, o que no nosso entendimento engendra um problema tão crítico quanto aquele apresentado por Fukuyama (1992).”

Texto 04

Título: Juventude e projetos de futuro em relatos de estudantes de ensino médio de Escolas Públicas

Autores: (Coelho & Veloso, 2017)

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 06 “Blanco e Díaz (apud Ximenes e Cidade, 2016) alertam que o fatalismo é um fenômeno social que está presente na atualidade não só entre os pobres. É preciso considerar que viver em contextos muito individualistas, onde a incerteza, a insegurança e a indefinição diante do futuro imperam, contribui para fortalecer o fatalismo em nossa sociedade.”

Texto 05

Título: “Ser criança era moleza”: a constituição do sujeito adolescente em “Adeus conto de Fadas”, de Leonardo Brasiliense

Autores: (Silva & Silva, 2016)

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 04 “Há, nesse sentido, um certo fatalismo na enunciação desses discursos. Assim, o sujeito, do primeiro microconto, enfatiza que o olho esquerdo nunca mais funcionará, denotando, assim, o destino fatídico a que está condenado; de modo semelhante, o foco recai sobre o fato de a perna permanecer para sempre torta.”

Texto 06

Título: A condição de ‘bichão da favela’ e a busca por ‘consideração’: Uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar

Autor: (Sá, 2011)

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 04 “Quando se associam para perpetrar execuções como essa, os matadores da PM são muito temidos pelos jovens da favela, que expressaram o fatalismo da situação em suas falas. Era difícil escapar de uma caçada como aquela. Ocorrendo mais cedo ou mais tarde, o desfecho era previsível. O “bichão” ia ser derrubado.”

Texto 07

Título: Os Adolescentes em Conflito com a Lei: Um Círculo Vicioso de Vitimizadores e de Vitimizados

Autores: (Guerra & Romera, 2010)

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 09 “Oliveira, Briguenti (2007, p.7) ilustram e elucidam os pré-conceitos que fundam a dicotomia, da qual estamos analisando quando falam sobre o fatalismo que cria uma anti-socialidade assim descrita: A realidade atual das medidas de atendimento socioeducativo no Brasil até o presente, traz fortes influências do antigo Código de Menores, trazendo consigo pensamentos fatalistas, acreditando não ser possível a inclusão sociais desses adolescentes, atribuindo-lhes como responsáveis pela sua situação irregular, diagnosticando-os como seres anti-sociais, e que as constantes inserções na criminalidade são devido a sua própria escolha ou por possuir psicopatologias.”

Pág. 16 “A subjetividade chega aos nossos olhos e mente como se ela estivesse descolada da dimensão objetiva, já explicitada acima, é como se esses meninos não se tornassem infratores da lei, mas como se fossem assim desde o nascimento, ou mesmo antes; eis um fatalismo que movimenta o círculo vicioso que os prende nessa reprodução de vitimizados e vitimizadores.”

Texto 08

Título: Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latino-americano

Autor: (Cidade et al., 2012)

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 7 “O fatalismo, nesse sentido, representa um fenômeno psicossocial intimamente relacionado com o modo como os indivíduos experienciam essas condições de vida. Ele é marcado pelo conformismo dos grupos e indivíduos com condições deploráveis de existência e um regime de vida opressor (Martín-Baró, 1998)”

Pág. 07 “...o fatalismo serviria como uma profecia realizadora daquilo que ela já havia sido anunciado, definindo, com isso, um presente e um futuro predeterminados e que vão, silenciosamente, sendo aceitos passivamente, sem que grandes questionamentos sejam empreendidos. Assim, estabelece-se um círculo de manutenção da cultura da pobreza, pois, ao não fazer esforços para sair dessa situação, instaura-se o que Ardila (1979 citado por Martín-Baró, 1998) designa como impotência ou desesperança aprendida que, mesmo mudando e evoluindo as condições sociais, manteria a indolência fatalista.”

Pág. 07 “O fatalismo no latino-americano poderia ser examinado em uma tripla vertente afetiva, comportamental e ideacional (Martín-Baró, 1998). Na dimensão dos sentimentos, há a resignação frente ao próprio destino, o distanciamento emocional e a aceitação do sofrimento; nas ações, há a submissão, o conformismo, a passividade e a falta de memória e perspectivas; já as ideias se caracterizam pela pré-definição da vida e pela religião.”

Texto 09

Título: Da infância à juventude: a trajetória dos “sem lugar” que vivem nas ruas de Porto Alegre

Autor: (Estivalet, 2011)

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 03 “Também creio que ao mostrar os relatos desses quatro jovens que estão entrando na maioridade e suas disposições em adotar uma trajetória de vida diferente demonstra-nos que é possível vermos de outra forma a vida dos meninos de rua e não apenas condená-los ao fatalismo da morte. Os relatos de nossos jovens demonstram uma boa vontade em mudar, em acreditar que o futuro será diferente.”

Texto 10

Título: Adolescentes nas Franjas dos Territórios e as Violências: Vozes e Existências

Autor: (Rodrigues, 2014)

Quantidade de Páginas: 22 páginas

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 17 “Não fecho este texto com a imagem de parecer ter ingenuidade, fatalismo ou distopia diante das experiências contadas e/ou vividas, nem tampouco trago soluções como bem pensou Veiga-Neto (2003, p. 6). Busco produzir um impulso para causar uma disposição em transformar os valores e costumes de uma leitura com cheiro de mofo naquilo que teve sentido e significado na vida destes adolescentes no momento de contar suas histórias de vida.”

Texto 11

Título: Intervenção em grupo com meninas adolescentes vítimas de violência sexual: da situação-limite ao inédito-viável

Autor: (Barros et al., 2021)

Trechos que abordam o Fatalismo: Pág. 03 “O trabalho com as adolescentes assentou-se na ideia de potencializar a manifestação de inéditos-viáveis (Freire, 2013), compreendidos como ações possíveis e projetos alternativos (Freitas, 2005) que, construídos coletivamente, podem se opor à visão fatalista e conformista da realidade (Martín-Baró, 1987) e das condições psicossociais das participantes do grupo. Para isso, cuidamos para que o processo grupal fosse marcado por momentos dialógico-reflexivos que contribuíssem para a compreensão de que a realidade pode ser transformada. Apostando, assim, na superação de relações opressoras com o propósito emancipatório (Freire, 2008, 2013; Martín-Baró, 1987).”

DISCUSSÃO

Os objetivos do estudo foram elencar quantos trabalhos acerca da temática do fatalismo foram produzidos até o momento da presente revisão, bem como analisar o conteúdo dos trabalhos, verificando o sentido do emprego do termo fatalismo. Foram encontradas e analisadas 11 produções acerca da temática, sendo que 06 delas tratavam do termo considerando-o como um fenômeno biopsicossocial, e não pela compreensão do indivíduo como mero fatal.

Analisando as produções selecionadas, pode-se observar que os artigos: “Educação de jovens e adultos: territórios de subjetivação” (Júnior, 2011), “Ser criança era moleza”: a constituição do sujeito adolescente em “Adeus conto de Fadas” (Silva & Silva, 2016), “A condição de ‘bichão da favela’ e a busca por ‘consideração’: Uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar” (Sá, 2010), “Da infância à juventude: a trajetória dos “sem lugar” que vivem nas ruas de Porto Alegre” (Estivalet, 2011) e “Adolescentes nas Franjas dos Territórios e as Violências: Vozes e Existências” (Rodrigues, 2014), apresentam compreensões pouco semelhantes e algumas até



divergentes no que diz respeito ao entendimento do fenômeno do fatalismo da forma proposta por Martín-Baró (2017a).

Ao analisar, o texto “Educação de jovens e adultos: territórios de subjetivação” (Júnior, 2011), traz o termo fatalismo fazendo uma analogia à situação de constante movimento que os indivíduos podem experimentar. Porém o termo é concebido ao tratar da educação e o papel dela na vida das pessoas, pontuando o movimento que o conhecimento pode proporcionar em especial aos jovens e adultos que frequentam o EJA – Educação de Jovens e Adultos, ou seja, nesse caso o termo é limitado à uma visão da educação e não à uma compreensão psicossocial dos indivíduos.

O texto “Ser criança era moleza”: a constituição do sujeito adolescente em “Adeus conto de Fadas”, de Leonardo Brasiliense” (Silva & Silva, 2016), aborda o fatalismo numa concepção de situação fatal, ou seja, pré determinada. No entanto, o conceito é usado para descrever um problema orgânico do corpo, ou seja, explicitar que certo problema com o corpo do indivíduo não terá solução, já está fadado ao pior.

Nesse mesmo contexto o artigo “A condição de ‘bichão da favela’ e a busca por ‘consideração’: Uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar” (Sá, 2010), também usa do termo fatalismo no sentido de perceber uma situação como já determinada ao pior. Nesse caso em específico, se utiliza o conceito para descrever o sentimento de adolescentes de uma favela ao se depararem com policiais, estes já sabem que durante um possível confronto, o final é fatal.

Ainda, o texto “Da infância à juventude: a trajetória dos “sem lugar” (Estivalet, 2011), que vivem nas ruas de Porto Alegre” explana o conceito de fatalismo fazendo uma alusão à morte. Assim, o compreende como algo que não pode ser mudado; que já tem um destino previsível.

Não obstante, a produção “Adolescentes nas Franjas dos Territórios e as Violências: Vozes e Existências” (Rodrigues, 2014), pontua o conceito ao definir uma posição contrária à de fatalista frente a experiências contadas e que trazem a realidade de adolescentes em territórios permeados por violência. Desse modo, o conceito é usado para enfatizar que apesar da situação complicada descrita, existem possibilidades para a resignificação daquela realidade, não sendo esta fatal.

Por outro lado, o texto “As manifestações do fatalismo de jovens em condições de pobreza no Brasil.” (Cidade & Ximenes, 2012) abrange o conceito do fatalismo pontuando claramente o caráter psicossocial que o sustenta. Nele, é possível identificar o



quanto as variáveis sociais produzem direta e indiretamente estigmas que impulsionam as classes menos favorecidas a terem comportamentos fatalistas, não apenas porque os indivíduos não acreditam na possibilidade da mudança, mas sim pela vivência numa sociedade incerta, imprevisível, preconceituosa, seletiva e permeada por riscos e violência, que claramente conduz os menos favorecidos a um lugar de invisibilidade social.

Já o artigo “Capturas e Resistências nas Democracias Liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais” (Augusto et al., 2016) faz uma reflexão sobre o quanto o mundo neoliberal estimula o fenômeno fatalista nos indivíduos. Isso se dá pela equivocada ideia do neoliberalismo de que os indivíduos são totalmente responsáveis pela situação social que se encontram, e dotados de completa autonomia para ressignificar sua condição social e econômica. Porém, o texto aponta o fatalismo como algo muito além de apenas uma variável econômica, mas que engloba fatores políticos e sociais, ou seja, o indivíduo como um todo.

Ainda nesse contexto, o estudo “Juventude e projetos de futuro em relatos de estudantes de ensino médio de Escolas Públicas” (Coelho & Veloso, 2017) traz uma alusão do fatalismo, relacionando-o como um conceito que engloba as três dimensões definidas por Martín-Baró, (2017a). Ou seja, não limita a definição apenas à crença do sujeito de impossibilidade de mudança, mas sim, analisa os determinantes sociais, reconhecendo os sujeitos como psicossociais e que necessitam de afeto, convivência e papel social e não apenas de uma privilegiada condição econômica para não se perceber como fatalista.

À vista disso, o texto “Os Adolescentes em Conflito com a Lei: Um Círculo Vicioso de Vitimizadores e de Vitimizados” (Guerra & Romera, n.d.) explicita a situação do tratamento e da compreensão de adolescentes que passam por medidas socioeducativas no Brasil, onde estes são tratados como seres com futuro pré determinado (fatalista), e totalmente responsáveis pela situação que estão, isso por nascerem e crescerem em regiões periféricas e estereotipadas negativamente. De encontro a isso, é apresentada uma crítica à essa concepção e a desconstrução do olhar fatalista apenas pela análise da situação específica, pautando a necessidade do olhar humanizado, que contemple a subjetividade de cada ser, e não apenas a superficialidade objetiva e preconceituosa que hoje existe.

Ainda, a produção “Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latino-



americano” (Cidade et al., 2012) versa sobre o fatalismo enquanto fenômeno psicossocial que se estabelece pela configuração do sistema socioeconômico atual, o capitalismo. Isso se dá pela opressão, desigualdade e exclusão gerada pelo capitalismo e pela divisão de classes sociais. Nesse sentido, contempla o fatalismo como algo que vai além de apenas um comportamento conformista por parte do indivíduo, apontando-o como um estado que influenciado por variáveis sociais e econômicas.

Outrossim, o artigo “Intervenção em grupo com meninas adolescentes vítimas de violência sexual: da situação-limite ao inédito-viável” (Barros et al., 2021) apesar de citar sucintamente o termo fatalismo, explicita claramente o entendimento do fenômeno como possuidor de dimensões que vão além de apenas a “impossibilidade de mudança”. Deste modo, indica que independentemente da posição social dos indivíduos, estes podem ser influenciados pelo sentimento fatalista, bem como podem ressignificar sua situação subjetiva.

Por fim, os artigos que abordam o conceito do Fatalismo e que se assemelham à teoria de Martín-Baró fazem uma análise dos indivíduos em sua totalidade, compreendendo todas as variáveis e influências sociais que podem originar o Fatalismo, e desconstruem a visão de indivíduo como único e total responsável pela posição conformista que podem ocupar, frente às situações do Capitalismo. Nesse contexto, o conceito de Liberdade, Autonomia e Meritocracia construídos por esse sistema se tornam questionáveis, visto que apenas o desejo, a liberdade e a meritocracia não se constituem como meios concretos para que a posição fatalista não aconteça, mas tão importante quanto, é a análise subjetiva dos sujeitos, as condições sociais, bem como as influências que direta e indiretamente norteiam seu papel no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito a análise literária para compreensão do sentido que o termo fatalismo é utilizado, visando a ampliação da concepção limitada de que este alude à um comportamento conformista apenas, mas sim propondo o entendimento enquanto um fenômeno psicossocial, que é inteiramente influenciado pelas circunstâncias equivocadas do sistema capitalista; que oprime, exclui e paralisa a classe do proletariado.

Em suma, percebe-se que de maneira geral as produções que usam o conceito do fatalismo de forma diferente da do contexto apresentado por Martín-Baró (como já descrito), compreendem a palavra de uma forma bem específica e concentrada, se



aproximando apenas de uma das três dimensões que Baró define como partes constituintes deste fenômeno, sendo esta a da impossibilidade de mudança. Com isso, percebe-se o quanto o conceito ainda é pouco explorado, e o quanto o caráter e as variáveis biopsicossociais de cada ser ainda são desprezadas ao se fazer uma análise das situações e movimentos que este está inserido.

Pode-se pontuar como limitações deste trabalho o período de tempo escolhido para a pesquisa, sendo este de apenas 12 anos (entre 2010 e 2022), bem como a seleção de apenas as 12 primeiras páginas de produções dentro da plataforma do Google Acadêmico. Além disso, vale pontuar que o termo Fatalismo foi tomado como embasamento para a análise das produções encontradas, no entanto apenas uma conceituação do fenômeno foi considerada, a de Martín-Baró, e, portanto, poderia ter sido ampliada para outras definições teóricas.

REFERÊNCIAS

- Augusto, A., Rosa, P. O., & Resende, P. E. da R. (2016). Capturas e resistências nas democracias liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais. *Estudos De Sociologia*, 21(40). Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/7581>
- Barros, A. S. de, Machado, V. M., & Silva, E. A. da. (2021). Intervenção em grupo com meninas adolescentes vítimas de violência sexual: da situação-limite ao inédito-viável. *Revista De Educação Popular*, 20(1), 304-324. <https://doi.org/10.14393/REP-2021-54668>
- Cidade, E. & Ximenes, V. (2012). As manifestações do fatalismo de jovens em condições de pobreza no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicología Social Ignacio Martín-Baró*, 1(1), pp. 80-102. Disponível em:
- Cidade, E. C., Ferreira Moura Junior, J., & Morais Ximenes, V. (2017). Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latinoamericano. *Psicologia Argumento*, 30(68). <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.5886>
- Costa, P. H. A. da, & Mendes, K. T. (2020). Dialética do Fatalismo: do Fatalismo dos Indivíduos para o da Ordem. *Estudos e Pesquisas Em Psicologia*, 20(2), 682-702. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52593>
- Estivalet, A. G. (2011). Da infância à juventude: a trajetória dos “sem lugar” que vivem nas ruas de Porto Alegre. *Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, 4(8), 458-503.
- Euzébios Filho, A., & Guzzo, R. S. L. (2009). Desigualdade social e pobreza: contexto de vida e de sobrevivência. *Psicologia & Sociedade*, 21(1), 35-44. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000100005>
- Guerra, G. M. S. A., & Romera, V. M. (2010). Os adolescentes em conflito com a lei: um círculo vicioso de vitimizadores e de vitimizados. *ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498*, 6(6). https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/18302/3/2012_art_vmximenes.pdf
<https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/13570>



- Júnior, F. B. (2011) Educação de jovens e adultos: territórios e subjetivação. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, 10, 79-88.
- Martín-Baró, I. (1998a). Hacia una psicología de la liberación. Boletín In A. Blanco (Org.), *Psicología de la Liberación* (pp.283- 302). Madrid: Editorial Trotta.
- Martín-Baró, I. (1997). O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2(1), 7–27. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>
- Martin-Baró, I. (2017). O latino indolente: Caráter ideológico do fatalismo latino-americano. In F. Lacerda Júnior (Org.), *Crítica e Libertação na Psicologia* (pp. 173-203). Petrópolis: Vozes.
- Marx, K. & Engels, F. (2008). *Manifesto Comunista*. São Paulo, SP: Expressão Popular
- Marx, K. (2013). *O Capital: Crítica da economia política: Livro 1: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo.
- Oliveira, L. B. de, Tizei, R. P., Guzzo, R. S. L., & Silva Neto, W. M. de F. (2018). As aspirações da pequena burguesia: um estudo exploratório sobre as contradições psicossociais e possibilidades de mudança. *Perspectivas Em Psicologia*, 22(1). <https://doi.org/10.14393/PPv22n1a2018-05>
- Oliveira, L.B. (2020) Martín-Baró & Klaus Holzkamp: Fatalismo e Capacidade de Ação. 82f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2020.
- Oliveira, M. R. de, & Schlösser, A. (2020). Brasileiro é assim: fatalismo associado à identidade sobre ser brasileiro. *Psicologia Para América Latina*, 33, 23–32. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2020000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=
- Paiva, I. L. D., & Yamamoto, O. H. (2010). Formação e prática comunitária do psicólogo no âmbito do "terceiro setor". *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15(2), 153-160. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000200004>
- Rodrigues, S. C. (2014). Adolescentes nas franjas dos territórios e as violências: vozes e existências. *Revista LEVS*, 14. <https://doi.org/10.36311/1983-2192.2014.v14n14.4217>
- Sá, L. D. D. (2011). A condição de " bichão da favela" e a busca por " consideração": uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar.
- Souza Coelho, R., & Grisi Velôso, T. M. (2017). Juventude e projetos de futuro em relatos de estudantes de Ensino Médio de escolas públicas. *ILUMINURAS*, 18(44). <https://doi.org/10.22456/1984-1191.75739>
- Trigueiro, R. D. M., Ricieri, M., Fregoneze, G. B., & Botelho, J. M. (2014). Metodologia científica. *Londrina: Editora e Distribuidora Educacional SA*.
- Vieira da Silva, F., & Agostinho da Silva, A. (2016). “Ser criança era moleza”: a constituição do sujeito adolescente em “Adeus conto de fadas”, de Leonardo Brasiense. *Travessias*, 10(1), 26–32. Recuperado de: